

A função da escrita e o recurso à droga na psicose¹

Viviane Tinoco Martins

Riscar o papel,
não o corpo. Este já vai assim
por um triz, na vida².

Na atual política de saúde mental, os centros de atenção psicossocial (CAPS) se constituem como dispositivos prioritários para a assistência aos sujeitos portadores de transtornos mentais e em sofrimento psíquico decorrente do uso de álcool e outras drogas. Não é irrelevante a recorrência com que encontramos oficinas terapêuticas em CAPS que possuem como objetivo a produção da escrita. Também é digno de nota o fato de muitos sujeitos endereçarem seus escritos durante uma análise. "Ocorre que uma cura analítica pode desencadear em um sujeito psicótico um trabalho de escrita"³.

Um caso de nossa clínica evidencia o desencadeamento do trabalho de escrita promovido pela entrada no tratamento. O sujeito em questão fazia de sua escrita um relato de suas vivências alucinatórias, de sua relação com a cocaína e de esparsas construções delirantes, que me endereçava durante os atendimentos, quando se dedicava à leitura de seus escritos e solicitava que eu os armazenasse em seu prontuário. Aqui fica clara a função do analista de depositário das produções escritas de sujeitos psicóticos.

A função da escrita na psicose

Nas psicoses, observa-se uma desorganização da ordem simbólica. O trabalho psíquico possível, que cumpre a função de remediar esta desordem simbólica, é evidenciado através de múltiplas produções criativas. É neste sentido que Maleval evoca "um empuxo-à-criação é inerente à

estrutura psicótica”⁴. As perturbações psíquicas inerentes à psicose são suscetíveis à elaboração de desenhos, pinturas, esculturas, etc. Entretanto, o autor destaca que são os escritos que predominam. Dada a prevalência dos escritos entre os recursos expressivos encontrados na clínica com psicóticos, estes se constituem como “a via régia para o estudo das produções artísticas dos psicóticos”⁵.

Um empuxo à escrita é constatado por Maleval em sua experiência clínica com psicóticos. O autor acrescenta que se os psicóticos se dedicam com tamanha insistência ao recurso da escrita é porque este trabalho desempenha para eles uma função importante.

O seminário de Lacan dedicado ao escritor irlandês James Joyce constitui uma contribuição fundamental para o estudo da psicose, tal formulação “somente examina em detalhe uma fórmula muito particular de estabilização da estrutura psicótica em um artista excepcional”⁶.

Sobre Raymond Roussel, Maleval aproxima os efeitos de sua escrita com o que ocorre com a obra de Joyce. A escrita, a qual Roussel consagrou sua existência, permitiu certa organização da desordem simbólica típica da psicose. Suas obras demandavam muitos esforços, a ponto de dizer: “eu sangro sobre cada frase”⁷.

Não devemos negligenciar o papel estabilizador que a escrita ocupa na clínica das psicoses.

Através do trabalho de escrita se busca um alívio em relação a esta invasão [do gozo]. Assim como o delírio constitui uma obra complexa que se constrói como uma tentativa de cura, a elaboração do escrito constitui um processo autoterapêutico⁸.

A escrita possui três funções distintas, que podem se apresentar sobrepostas, a saber: fornecer suporte do pensamento, dar testemunho do delírio, como é possível reconhecer nas “Memórias” de Schreber, e se constituir como

um depositário do gozo que se condensa na materialidade das folhas escritas, funcionando como um objeto fora do corpo, exteriorizado.

Enquanto testemunho do delírio, observamos na clínica que o tema dos escritos, via de regra, é regido pelo conteúdo do delírio. "É bastante evidente que estão tão a serviço dos temas delirantes que se pode sugerir que é o delírio isso do que o sujeito se esforça em desprender-se"⁹. A escrita se constitui como um passo a mais frente à mobilização do significante em torno da trama do delírio, na medida em que o sujeito empreende um trabalho sobre a letra, operando uma fixação do gozo. "De fato há que assinalar que o depósito de gozo se acompanha geralmente de uma significantização deste gozo"¹⁰.

O caso de Artaud demonstra a trajetória de um psicótico que recorreu à escrita como uma tentativa de estabilização de sua psicose. Maleval comenta este caso e aponta "Artaud sugere claramente que a escritura coloca para ele uma função de alívio"¹¹. A escrita, além de ser um testemunho de seu delírio, se constituía como uma condição para sua existência e suporte para seu pensamento.

A escrita permite cavar um vazio onde há excesso de gozo. Neste vazio é possível alojar o gozo e "invocá-lo com seu artifício"¹². Assim, a dimensão de artifício dada por Lacan à escrita se constitui como uma tarefa que permite depositar o gozo, como vimos a propósito das funções da escrita. As funções do recurso à escrita, este artifício tão presente na clínica com psicóticos, leva-nos às contribuições de Lacan sobre a escrita na psicose.

O interesse de Lacan pelas produções escritas de pacientes psicóticos já se evidencia desde a década de 30 do século passado, antes mesmo de sua tese de doutorado. Em um artigo denominado "Écrits inspirés: schizographie"¹³, ele destaca que os escritos "inspirados" não o são de forma alguma ligados à espiritualidade, mas devem-se a uma

repetição mecânica, a um automatismo imposto, a uma estereotípia.

Ao tecer considerações acerca do caso Aimée, Lacan dedica uma seção de sua tese às produções literárias de sua paciente. Tais produções, dois romances, cujos temas estavam alinhavados ao conteúdo de seu delírio, eram dirigidas pela paciente às editoras com vistas à publicação. Entretanto, nenhum de seus escritos chegou a ser publicado. Diante disso, Aimée apela à Corte Real da Inglaterra como seu último recurso na tentativa de conseguir publicá-los. Vale ressaltar que a paciente possui um delírio de caráter erotomaniaco com o príncipe inglês. É interessante notar o valor positivo que Lacan concede a estas produções, na medida em que são indícios do estado mental da paciente no momento em que se dedicava à escrita, permitindo apreender com vivacidade traços de sua personalidade, de seu caráter, dos complexos afetivos e das imagens mentais que a habitavam. A produção escrita se constitui como uma "matéria preciosa"¹⁴ para o estudo das relações entre o delírio da paciente e sua personalidade e para auxiliar na formulação diagnóstica.

Lacan destaca a ausência de estereotípias mentais e "anomalias sintáticas clássicas dos escritos dos paranoicos"¹⁵ nestes dois romances de Aimée e privilegia o fato de ser possível depreender destas produções as tendências afetivas da paciente que se revelam em seus escritos. Tais produções carecem de um valor estético, o que Lacan atribui à falta de cultura da autora, que se manifesta pelo autodidatismo da mesma que transparece mediante declamações banais, erros históricos, confusão de ideias, etc. Lacan reconhece em tais manifestações, os "frutos de uma intoxicação literária"¹⁶, que são acrescidos de traços de desordem mental e de automatismo. A noção de "intoxicação literária" é de grande valor, na medida em que aproxima o recurso à escrita do recurso à droga.

Aimée recorria a um dicionário para eleger aleatoriamente as palavras que seriam escritas. Ela se considerava uma "namorada das palavras"¹⁷ e fazia um uso muito particular das mesmas. A escolha era orientada pelo "seu valor sonoro e sugestivo, sem que nem sempre acrescentasse a isto discernimento e atenção ao seu valor linguístico adequado ou a seu alcance significativo"¹⁸. Aqui prevalece o uso da letra em detrimento do significante, na medida em que "a letra presentifica assim o que descola o significante do significado"¹⁹. Este trabalho particular sobre as palavras é considerado por Lacan um "trabalho de marchetaria verbal"²⁰. Trata-se de um trabalho árduo de inserir/embutir no seu texto as peças de seu delírio.

Em outro artigo intitulado "O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência" vemos novamente Lacan positivar os escritos de psicóticos. Ao se dedicar ao estudo pormenorizado dos escritos de psicóticos que evidenciam as expressões simbólicas de suas experiências, Lacan reconhece que eles "são, por um lado, os temas ideacionais e os atos significativos de seu delírio, e, por outro, as produções plásticas e poéticas em que são muito fecundos"²¹.

Com base nesta constatação, ele nos apresenta três proposições acerca destas duas características das produções artísticas dos psicóticos. Em primeiro lugar, ressalta "a significação eminentemente humana desses símbolos"²² que se apresenta análoga aos temas delirantes, às produções míticas e à inspiração dos artistas consagrados. A segunda proposição toca a "identificação iterativa do objeto"²³, o que articula com a fecundidade do delírio em suas repetições cíclicas, que não remete mais à noção de déficit e se aproxima dos processos de criação poética e de estilo. Por fim, apresenta o que considera o

ponto mais notável, que toca no que o delírio possui de radicalidade e que não é passível de interpretação.

Escrita e o pharmakon

O termo *pharmakon*, oriundo da mitologia grega, evoca a ambiguidade de acepções, que podem designar ao mesmo tempo o remédio e o veneno. Tal ambiguidade é construída a partir da questão da escrita, sobre a qual se formulou o termo.

Na mitologia grega as letras são invenções do Deus Thoth, que apresenta a Thamos, rei do Egito, a escrita que se constitui como um "excelente recurso" contra a perda da memória. Assim, a "falha da memória e a falta de ciência encontraram seu remédio (*pharmakon*)"²⁴. Entretanto, o rei se atém ao sentido de veneno também concernente ao termo *pharmakon*, uma vez que põe em questão a função da escrita, que dispensaria os homens de exercitarem sua memória, produzindo esquecimento na alma daqueles que tiverem acesso ao recurso da escrita.

Na conclusão de seu ensaio sobre a "Farmácia de Platão", Derrida busca recuperar o valor paradigmático da escrita como *pharmakon*, destacando uma leitura do termo que preserve sua ambiguidade, o que não significa acentuar seu aspecto positivo, de remédio para a memória, em detrimento da dimensão de veneno²⁵.

Em seu artigo "A farmácia de Lacan"²⁶, Laia faz uma analogia entre "A farmácia de Platão" de Derrida e a farmácia lacaniana. Em ambas as farmácias, os elementos que são manipulados são os mesmos, a saber, o significante e a letra, a palavra falada e a escrita.

O recurso à escrita entendida com o *pharmakon* é de grande relevância teórica, pois podemos articular a dimensão de remédio ao que promove estabilização para sujeitos psicóticos que recorrem à escrita, como vimos no início deste artigo, mas também pode ser correlacionada com a dimensão de veneno, na qual a escrita se impõe com um

imperativo. Tal dimensão de imperativo se reconhece na observação de sujeitos que escrevem sem cessar, seja na superfície do corpo mediante sucessivas tatuagens, muitas vezes realizadas com cortes no corpo, como em um caso de nossa clínica no qual o paciente cortava o corpo com auxílio de lâminas escrevendo e fazendo desenhos e, depois, como uma espécie de decalque, imprimia seu sangue em folhas de papel que endereçava à analista. Ou ainda na experiência de psicóticos que escrevem nas paredes com seu próprio sangue ou com fezes.

Apesar de se constituir como um recurso autoterapêutico, um remédio para as agruras da psicose, a escrita também pode contribuir, em alguns casos, para o recrudescimento das manifestações de fenômenos elementares, atuando sob a dimensão de veneno. Neste sentido, Maleval nos diz que o efeito de desprendimento de gozo obtido pela escrita é precário, na medida em que falta uma simbolização de uma perda que é real. Disso resulta que com frequência o trabalho é reiterativo, e também que ultrapassa muitas vezes sua meta, experimentando-se então como um desgarramento catastrófico, podendo implicar um agravamento dos problemas, inclusive seu desencadeamento²⁷.

Na escrita de alguns psicóticos que recorrem à droga é comum observar uma tentativa de condensar o gozo ilimitado que a droga libera por meio de sua inscrição enquanto letra que se deposita em seus escritos.

Joyce e o pileque da escrita

Mandil reconhece na escrita de Joyce, especialmente em *Finnegans Wake* uma verdadeira "farmácia".

Nela, as palavras não têm uma identidade que poderíamos considerar própria, ou seja, que poderíamos associar irremediavelmente a um único significado ou sentido. E é precisamente por meio dessa dissolução da identidade no *phármakon*, no remédio e no veneno que a escrita, significante

puro, "sem realidade exterior correspondente", indecível, pode ser pensada como algo suplementar, como algo que, para além das oscilações do sentido, oferece um ponto de ancoragem²⁸.

As palavras escritas por Joyce ganham o estatuto de voz na articulação de Mandil, surgindo em seu texto esvaziadas de sentido, "tendo a dimensão de significante aparentemente sucumbido à primazia das letras, o que lhe dá uma conotação mais de objeto que de signo linguístico"²⁹.

Reconhecer o valor de *pharmakon* na escrita de Joyce implica em reconhecer o estatuto de remédio que faz suplência à forclusão do Nome-do-Pai, uma vez que Lacan supõe que seu pai era carente em lhe fornecer o estatuto do simbólico. Ao mesmo tempo, reconhecemos aí o estatuto de veneno, na medida em que sua escrita escapa ao sentido e deixa o leitor à deriva.

É interessante notar que Joyce faz referência à Thoth, o deus dos escritores, responsável por atribuir à escrita o estatuto de *pharmakon*. Em uma passagem de "O retrato do artista quando jovem", Joyce evoca "Thoth, o deus dos escritores, que escrevia com um junco sobre uma tabuinha e que carregava sobre a sua estreita cabeça de íbis a lua crescente"³⁰.

Laia reconhece que:

O fluxo das palavras vai inundar as marcas subjetivas que elas designam e, nesse exercício da escrita, realiza-se uma espécie de contraponto à reverberação da voz paterna umedecida pelo álcool³¹.

Laia destaca a referência ao contraponto, na medida em que aponta que na escrita de Joyce está em jogo uma tentativa de "se haver com *lalíngua* e com o domínio retórico paterno"³². Sobre *Finnegans Wake*, Laia nos diz que:

Uma nova estória se impõe e o domínio retórico-alcóolico de um pai vai ser evocado e, possivelmente por ter sido submetido a uma tal decomposição escritural, esse domínio poderá dar lugar a algum descanso, a alguma forma de pacificação: "era uma vez um bêbado e era um bêbado bem considerável e o resto e a paz de sua *tagarerumlice*"³³.

Na nota de rodapé, Laia introduz uma observação que nos parece pertinente para nosso trabalho:

Considerando que a passagem em questão faz referência a um bêbado, pareceu-me possível sugerir que a *tagarelice* é, também, gerada pelo álcool e, por conseguinte, o termo anglo-irlandês é uma excelente opção porque me permite ler, nele mesmo, a referência à bebida (rum). Assim preferi traduzir *blaterumskite* por "*tagarerumlice*". Por fim, assinalo que, em inglês, há dois termos que nos remetem também a *blaterumskite*, a saber, *blather* ("tagarelice") e *blatherskite* ("tagarela")³⁴.

É interessante notar que Lacan, a propósito de suas considerações do caso Joyce, evoca uma acepção química para o termo *écriture*. Ao se dedicar a demonstrar que escrito e escrita encontram-se no mesmo plano, destaca o seguinte:

Fala-se da escrita [*écriture*] como se ela fosse independente do escrito [*écrit*]. É isso que às vezes deixa o discurso muito atrapalhado. Aliás, esse termo *ure** [De *écriture*, - *ure*: sufixo da língua francesa que indica que um composto químico é um sal de hidrácido, como em ácido sulfídrico (*sulfure*). (N. T.)], que se acrescenta assim, dá bem a perceber de que pileque [*biture*] engraçado se trata, no caso³⁵.

Vemos como o termo *écriture* evoca o pileque (*biture*) por meio de um jogo de palavras homonímico. O pileque da escrita pode ser evidenciado na escrita de Joyce que se esforça em colocar em palavras o que pode depreender da voz paterna embebida de álcool. O termo "*tagarerumlice*" evoca a tentativa de Joyce condensar o gozo herdado deste pai alcoolista por meio de um artesanato de letra. Por meio do

artefato da escrita, Joyce tenta decodificar o gozo paterno ligado ao uso excessivo de álcool na radicalidade da letra que faz litoral ao gozo.

Considerações finais

Através do texto escrito endereçado pelo sujeito psicótico em seu tratamento analítico, se aposta na produção de novas significações, que vão além da relação de objeto com a droga em sua incidência no real do corpo. Assim, é através da construção de narrativas singulares, que se torna possível a elaboração e testemunho do delírio, bem como a produção artística e literária.

O depósito de produções escritas no seio do tratamento possível das psicoses constitui-se como uma via de acesso ao que concerne ao delírio, ou mesmo, às invenções que podem obter valor artístico e literário, que encontram um lugar de inscrição simbólica no Outro social, podendo aceder ao estatuto de obra ou mesmo de *sinthoma*. Deste modo, abre-se a possibilidade de uma nova travessia, que supera a relação exclusiva e alienante com a droga, permitindo cadenciar o vazio do cotidiano e ancorar a transferência na clínica da psicose.

¹ Este artigo é um produto de minha tese de doutorado, intitulada "O recurso à droga nas psicoses: entre objeto e significante", orientada pela Professora Angélica Bastos, pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e defendida em julho de 2009 (Inédita).

² ROSA, M. A. (2013). *Via férrea*. São Paulo: Cosac Naify, p. 49.

³ MALEVAL, J.C. (2007) "Las funciones de la escritura en la psicosis". In: *Capiton 3: Psicosis*. Publicación del Centro de Investigación y Docencia "Las Mercedes". Ediplus Producción: Caracas/Venezuela, p. 58.

⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 42.

⁵ IDEM. *Ibidem*.

⁶ IDEM. (2002). *La forclusión del Nombre del Padre: El concepto y su clínica*. Buenos Aires: Paidós, p. 102.

⁷ IDEM. (2008). "Elaboración de una suplencia por un proceso de escritura Raymond Roussel". In: VASCHETO, E. (2008). *Psicosis actuales: hacia un programa de investigación acerca de las psicosis ordinárias*. Buenos Aires: Grama Ediciones, p. 124.

-
- ⁸ IDEM. (2007). "Las funciones de la escritura en la psicosis" In: *Capiton 3: Psicosis*. Op. cit., p. 63.
- ⁹ IDEM. Ibid., p. 46.
- ¹⁰ IDEM. Ibid., p. 50.
- ¹¹ IDEM. Ibid., p. 45.
- ¹² LACAN, J. (2009[1971]). *O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 118.
- ¹³ IDEM. (1975[1931]). "Écrits inspirés: Schizographie". In: *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*. Paris, Seuil.
- ¹⁴ IDEM. (1987[1932]). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, seguido de Primeiros Escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, p. 175.
- ¹⁵ IDEM. Ibid., p. 190.
- ¹⁶ IDEM. Ibid., p. 189.
- ¹⁷ IDEM. Ibid., p. 190.
- ¹⁸ IDEM. Ibidem.
- ¹⁹ MILLER, J-A. (1996) "O escrito na palavra". In: *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 16. São Paulo: Edições Eólia, p. 97.
- ²⁰ IDEM. Ibid.
- ²¹ LACAN, J. (1987[1933]). "O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência". In: *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, seguido de Primeiros Escritos sobre a paranoia*. Op. cit., p. 378-9.
- ²² IDEM. Ibid., 379.
- ²³ IDEM. Ibid.
- ²⁴ LAIA, S. (2002). "A farmácia de Lacan". In: *Clique - Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano: Palavras e pílulas: a psicanálise na era dos medicamentos*, nº 1. Belo Horizonte, p. 107.
- ²⁵ DERRIDA, J. (1997). *A farmácia de Platão*. São Paulo: Editora Iluminuras.
- ²⁶ LAIA, S. (2002). "A farmácia de Lacan". In: *Clique - Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano: Palavras e pílulas: a psicanálise na era dos medicamentos*. Op. cit.
- ²⁷ MALEVAL, J.-C. (2008). "Elaboración de una suplencia por un proceso de escritura Raymond Roussel". In: VASCHETO, E. (2008) *Psicosis actuales: hacia un programa de investigación acerca de las psicosis ordinárias*. Op. cit., p. 63.
- ²⁸ MANDIL, R. (2003). *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria/Faculdade de Letras UFMG, p. 168.
- ²⁹ IDEM. Ibid., p. 244.
- ³⁰ JOYCE, J. (1987). *O retrato do artista quando jovem*. Tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 278.
- ³¹ LAIA, S. (2001). *Os escritos fora de si - Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, p. 126.
- ³² IDEM. Ibidem.
- ³³ IDEM. Ibid., p. 127.
- ³⁴ IDEM. Ibid., p. 127-128.
- ³⁵ LACAN, J. (1971/2009[1971]). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 74.